

O ocaso de NAPOLEÃO

Pelo Ten.-Coronel José de Lima Figueirêdo

Quiz o Destino que o homem que quasi foi senhor de tóda a Europa, nascesse e finasse numa ilha.

A pequenina Córsega foi o berço de uma creança, a vulcânica Santa Helena foi o túmulo dum gênio. Destino malvado. Achou a Europa pequena para o vôo da aguia guerreira e levou-a á Africa — ao Egipto —, depois cortou-lhe as asas, dando-lhe, para findar seus últimos dias, uma ilha solitária perdida no infinito do Atlântico, muitas vezes menor do que aquela que a viu nascer.

Porém o Destino sabe o que faz, diz a sabedoria popular. E não fosse o cativoiro longo e penoso, não teriamos hoje a documentação fantástica sôbre a vida do velho continente no decorrer dos dias que se desenrolaram no novêlo do Tempo, desde o acidentando 18 do Brumário até às agonias de um exército que, pela primeira vez, fôra vencido — Waterloo. Como Alexandre, Anibal, Cesar e Frederico, Napoleão foi também favorito de Marte. O deus guerreiro, porém, abandonou-o em Waterloo, com certeza a pedido de Venus. Napoleão foi perseguido pela deusa mãe de Cupido que lhe deu inicialmente a trigueira Josefina, volúvel, escandalosa e infiel, em séguida uma polonezinha de olhos cismadores — Walewska, e por último Maria Luiza, a austríaca que, na primeira oportunidade, abandonou a coroa, o marido e o próprio filho. A batalha de Waterloo foi tão desastrada como os amores de Napoleão. Marte atendera o pedido de Venus. Bonaparte, depois de haver vencido os prussianos, esqueceu-se dos seus próprios princípios e permitiu que êles se juntassem aos inglêses de Wellington para se tornarem á tarde vencedores.

Extinguiu-se a estrela brilhante de Napoleão ! Na confusão decorrente da sua última batalha, o grande soldado,

poderia fugir para a América, mas preferiu procurar hospitalidade a bordo do "Bellorophonte" que ancorara ao largo de Rochefort. O vencedor de Austerlitz julgava a Inglaterra a mais nobre nação do mundo, embora fosse sua inimiga durante vinte e um anos. E por isso colocou-se sob sua proteção.

Não pôde o grande corso ser atendido como desejara. A 17 de Outubro de 1815 chegava á ilha de Santa Helena o "Northumberland", trazendo a bordo o ex-imperador da França. A pequenina ilha que dista do Brasil cêrca de 3.200 quilômetros, ia representar a coroa de espinhos que amargaria os últimos dias do soldado ilustre.

Emil Ludwig, o príncipe dos escritores judeus, definiu o presidio do herói como "um vulcão extinto, perdido no Oceano". Foi a ilha histórica descoberta pelos ilustres navegantes da Escola de Sagres, em 1502, e ocupada mais tarde pela Companhia das Índias Orientais, que ali fez tremular o austero pavilhão britânico. Chegado ao alcantilado penhasco, foi Napoleão hospedado em Longwood, há pouco reformada e que servira de estrebaria durante cinquenta anos. Nessa vivenda imunda, onde os ratos assaltavam, em pleno dia, as pessoas, Napoleão ditou a Bertrand, a Las Casas e a Montholon, páginas de ouro, que foram legadas ás gerações futuras para a ressurreição da glória do famoso condutor de homens.

Tôdas as campanhas êle descreve com desembaraço, citando com precisão, os fatos e as datas. Na de Waterloo, porém, êle hesita, êle retoca, êle se mostra inseguro e acaba adulterando os acontecimentos. Uma vez perguntaram-lhe qual o seu juizo a respeito de Wellington. Êle fica tristonho e, comovido, não responde.

Hudson Lowe, o carcereiro, votava ódio de morte ao inclito corso e tudo fazia para dificultar-lhe a vida. Os navios não encostavam por ordem sua, temendo a evasão do prisioneiro, a-pesar de haver mandado construir um muro a quatro quilômetros de Longwood, ao longo do qual as sentinelas espaçadas de cinquenta passos faziam a vigilância. Lowe censurava-lhe a correspondência, retendo as epístolas que

he falavam no filho amado; fornecia-lhe carne deteriorada e vinho azêdo e por último negava-lhe até recursos médicos. Toda vez que ultrapassasse os domínios de sua residência, Napoleão deveria fazer acompanhar-se de oficiais ingleses. E na driça de um alto mastro era içado um sinal, para que a vigilância fosse alertada. Seus fieis companheiros iam achando a vida insuportável e, um a um, vão se retirando sob pretextos vários. Quando a morte o libertou, seu séquito estava reduzido à metade.

Sentindo aproximar-se o dia do fatal desenlace diz: "Quando eu morrer, cada um dos senhores terá o doce consolo de voltar á Europa. Uns tornarão a ver seus parentes, outros tornarão a ver seus amigos e eu tornarei a encontrar meus homens valentes nos Campos Elísios. Sim — continuou êle, alterando a voz — Kleber, Desaix, Bessiéres, Duroc, Ney, Murat, Messena, Berthier — todos virão ao meu encontro. Falarme-ão no que fizemos juntos. Contar-lhes-ei os últimos acontecimentos de minha vida. Ao ver-me, todos ficarão loucos de entusiasmo e de glória. Conversaremos sobre nossas guerras com os Cipião, os Anibal, os Cesar, os Frederico. Teremos prazer nisso... A não ser — acrescentou a rir — que lá não tenham medo de ver tantos guerreiros juntos".

Duas semanas antes de falecer fez o seu testamento e redigiu o officio ao governador participando sua morte e deixando a data em branco. Ao alvorecer do dia 5 de Maio de 1821 deixa o mundo o construtor dos princípios da tática moderna. Suas últimas palavras foram: França — Cabeça de Exército.

A' beira do seu leito cercavam-no de mil carinhos: Montholon e o seu criado Marchand.

* * *

A valentia não tem pátria e o soldado sempre amou os heróis — a guarnição do presídio quiz desfilar deante do vencedor de Marengo, de Iena, de Wagram...

Desejava o imperador-soldado ser enterrado na pátria que tanto amara — a França. Não foi, todavia, o seu último desejo satisfeito e na própria ilha foi sepultado. Ao lado de uma fonte e ensombrado por dois salgueiros, cavam-lhe o túmulo.

Com as honras de um general inglês foi o herói enterrado. Do embasamento de uma peça de artilharia retiraram três lages para fechar a catacumba do famoso artilheiro. Durante dezenove anos esteve o corpo do estóico soldado entregue aos vermes da ilha vulcânica. Findo êste prazo, a França exigiu as cinzas do seu filho querido e num vaso de guerra conduziu-as a Paris. A chegada dos restos mortais de Napoleão I á França, em 1840, foi uma verdadeira consagração — o povo não se esquecera dos feitos do valoroso general.

* * *

Afirmam alguns historiadores que, tendo o duque de Wellington estado em Santa Helena em 1806, fôra êle quem influira sôbre a escolha do presídio para o vencido de Waterloo. Wellington expressando-se a respeito da ilha disse que o “seu interior era formosíssimo e o clima lhe parecia ser o mais saudável que até então conhecera”.

Embora Santa Helena esteja na região tropical, o seu clima é amenizado pelos ventos aliseos de sudoeste e pela corrente fria do Atlântico Sul. Durante todos os dias do ano um vento contínuo sopra com uma velocidade de vinte quilômetros por hora. Há quem assevere haver o clima da ilha contribuido para a morte mais rápida de Napoleão Bonaparte. Nada, porém, foi apurado, a-pesar dêle vir acusando há seis anos o clima de Santa Helena como a causa de sua doença do figado.

Seja qual fôr o motivo, o certo é que o famoso general deixou o mundo ainda muito moço — 53 anos de idade, de lutas, de glórias e de sofrimentos.